

## A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA DE JOVENS DE ORIGEM POPULAR <sup>1</sup>

Hellen R. S. Sacramento<sup>2</sup>

### Resumo:

As experiências de estudantes oriundos do Ensino Médio público revelam as estratégias de acesso e permanência na Universidade, perspectivas quanto à formação, obstáculos existentes na trajetória acadêmica, suas expectativas em torno do nível superior. Logo, este trabalho apresenta resultados finais, obtidos a partir de um panorama do perfil de estudantes de Ciências Sociais, Economia, Engenharia Florestal, Geografia, Letras-Espanhol, Letras-Francês, Matemática, Pedagogia e Psicologia, da Universidade Federal de Sergipe, Campus de São Cristóvão, sobretudo de dois jovens, estudantes de Ciências Sociais e Geografia. Sem perder de vista, o foco nos estudantes vinculados aos cursos do CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas) por meio de abordagem metodológica qualitativa orientada por uma leitura crítica dos discursos dos investigados.

Palavras-chave: Ensino Superior, Juventude, Educação.

### Abstract

The experiences of students from public high school students reveal strategies for access and retention in college, prospects for training, obstacles in academic life, their expectations about the level. Consequently, this report presents final results, obtained from an overview of the profile of students of Social Sciences, Economics, Forestry, Geography, Literature, Spanish, French, Literature, Mathematics, Pedagogy and Psychology, Universidade Federal de Sergipe, Campus Saint Kitts, mainly of two Young students of social sciences and Geography. Without losing sight of the focus on students tied to courses of CECH (Centre for Education and Human Sciences) by means of qualitative approach guided by a critical reading of the speeches of the investigation.

Keywords: Higher Education, Youth, Education.

---

<sup>1</sup> Esse artigo resulta das atividades desenvolvidas como bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/FAPITEC/UFS) no Projeto de Pesquisa intitulado: “Como se ‘Fabrica’ um Jovem Estudante Universitário”, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Freitas Teixeira (Departamento de Educação/NPGED/NPGECIMA).

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) - FAPITEC/UFS. E-mail: hrrejane@hotmail.com.

## **Introdução**

O estudo tem como objetivos identificar e analisar os aspectos que marcam a constituição, ou não, dos jovens que ingressam na UFS, especialmente os oriundos do Ensino Médio público, como estudantes 'universitários', além de, identificar e analisar saberes e práticas que segundo a ótica dos estudantes vinculados aos cursos da área de Educação e Ciências Humanas, potencializam ou restringem a construção de si mesmos como 'universitários'.

A passagem direta do Ensino Médio para o Ensino Superior representa para os estudantes uma série de mudanças. O contato com o novo ambiente, a universidade, revela a existência de uma lógica de organicidade que difere do ambiente escolar. São muitas as transformações, as quais devem entender e acompanhar.

A fase de adaptação para alguns pode ser algo difícil e conduzir à construção de percursos acadêmicos incertos, marcados por perdas de disciplinas e de permanência instável na universidade. Outros, ainda que se inquietem com as primeiras experiências universitárias vividas, conseguem mais satisfatoriamente adaptar-se e sobreviver na academia.

As esperanças nutridas pelo acesso ao nível superior revelam-se importantes forças para o acompanhamento do ritmo imposto pela universidade e das exigências que lhe são próprias. Quanto maiores às expectativas de futuro em relação à carreira acadêmica, mais esforços são empreendidos para a construção de carreiras universitárias de sucesso.

Nessa perspectiva, buscamos a partir da consideração das diferentes experimentações acadêmicas, perceber estratégias, visões e significados da vida universitária, observando o que isso representa para um grupo de tamanha heterogeneidade como é o investigado.

Como destacado por Cunha (2000, p.192), citado por Almeida (2007), a universidade pública nos últimos anos vem abrindo as suas portas para um novo contingente de jovens. O autor demarca quatro períodos históricos em referência ao ensino superior: até a década de 1930 do século XX, período em que as vagas na universidade eram ocupadas por membros da elite; dos anos 1930 até os anos 1970, as classes médias compunham a clientela; dos anos 1970 até os 1990, vez das classes médias típicas; e a quarta, a partir dos anos 1990, quando se dá uma maior abertura, oportunizando o ingresso de diferentes classes sociais.

Em contrapartida, isso não significa, de acordo com Almeida (2007), que a universidade pública abre-se indiscriminadamente a sujeitos pertencentes a classes desprestigiadas socialmente. De acordo com essa ótica, notam-se diferenças quanto às formas

de experienciar a vivência universitária por conta de distinções construídas no interior do ambiente acadêmico (Coulon, 2008; Almeida, 2007).

Com base nessa percepção, nesta última etapa da pesquisa serão expostas as trajetórias escolares de dois jovens pertencentes a diferentes estratos sociais, para que, conforme sinalizam outras pesquisas, investiguem-se possíveis diferenças no tocante à vida acadêmica, em que pesem os “condicionantes” socioculturais desses investigados. Lança-se um olhar atento à construção dos percursos escolares, à formação dos pais, vivências no ensino superior e propósitos dos sujeitos, numa perspectiva comparativa que não esboça a intenção de generalizar os resultados encontrados.

### ***Ingressar na Universidade: Qual o significado disto?***

A transição do Ensino Médio para o Ensino Superior é marcada por histórias diferentes, pois a construção das trajetórias escolares dá-se distintamente. Inclusive, as perspectivas em relação à universidade prendem-se às expectativas individuais.

As experiências vividas individualmente marcam as distinções na universidade, de maneira que, em determinados casos, limita-se à participação nas aulas, em outros, envolve outras atividades além das obrigatórias e pode influenciar nas escolhas realizadas.

Ingressar na universidade e deparar-se com os códigos existentes, a exemplo de conseguir decodificar o guia acadêmico, revela-se um problema para os que não estão acostumados com os jargões da academia onde, diferentemente do Ensino Médio, as informações não chegam tão facilmente.

De acordo com Coulon (2008), estudantes que ingressam na universidade logo após o Ensino Médio, enfrentam problemas de adaptação. A sistemática das aulas, as horas de estudo empregadas, dificuldades de localização, pois os espaços das universidades costumam ser maiores, as dificuldades de acessibilidade, o ritmo empreendido para o acompanhamento das atividades, e o turbilhão de saberes recebidos; ele se vê mergulhado em um oceano de informações, mediante o contato com diferentes correntes teóricas, que são as referências para o exercício de uma atividade profissional futura; a soma desses fatores pode tornar o estudante vulnerável ao ponto de pensar em desistir.

Em contrapartida, do primeiro contato, resta a lembrança de um obstáculo que foi ultrapassado, sinônimo do começo de uma nova vida, de uma nova história. Até mesmo aqueles que chegam à universidade, apostando na sorte, acabam considerando a sua nova condição como algo positivo.

Autores como (BORI; DURHAM, 2000 apud ZAGO, 2006), chamam atenção para casos inesperados de sujeitos em condições socioeconômicas frágeis que conseguem ingressar e permanecer na universidade. Para (GRIGNON; GRUEL, 1999 apud ZAGO, 2006), o êxito obtido (acesso ao nível superior) é possivelmente, apenas uma das barreiras ultrapassadas, já que, os estudantes "carregam" consigo fragilidades e lacunas presentes em sua formação. Em decorrência disso, certas práticas existentes no interior da universidade podem ceifar ou impor limites à construção das trajetórias acadêmicas.

As taxas de fracasso e abandono provocaram uma reforma na universidade de Paris 8, em Saint Denis. Com a reforma, a universidade passou a disponibilizar informações referentes aos cursos disponíveis através de fóruns e reuniões. A própria instituição organiza a jornada "portas abertas", através da qual, os estudantes do Ensino Médio podem estabelecer o primeiro contato com a universidade e informar-se sobre os cursos, currículos, unidades de crédito e horários (COULON, 2008).

Contudo, esse conjunto de informações tem se revelado insuficiente para o acolhimento dos estudantes, uma vez que as dificuldades de inserção apresentam-se desde o período de matrícula. Diferentemente da Universidade Federal de Sergipe, na Universidade de Paris 8, em Saint Denis, os estudantes formam filas à procura de uma vaga, não existem exames seletivos que medem seus conhecimentos e os habilitam como universitários.

São vias possíveis de acesso à universidade de Saint Denis, um diploma de qualquer tipo ou ter sido trabalhador assalariado durante pelo menos três anos ou ter cuidado de um filho por igual período. Para os trabalhadores, portadores de diploma, além de atenderem a essas mesmas exigências, devem ainda, submeter-se a um teste prévio de conhecimentos. Ainda existem as cotas por categorias: Trabalhadores assalariados, estrangeiros, portadores de diploma do ano em curso.

No vestibular de 2009, que selecionou os ingressantes em 2010, a Universidade Federal de Sergipe, passou a reservar 50% das vagas a estudantes egressos de instituições públicas de ensino, sendo que dessas, 70% destinam-se aqueles que se declaram negros, pardos ou índios<sup>3</sup>. Todavia, se as cotas permitem o acesso, cabe analisar, uma vez ultrapassada a barreira inicial do vestibular, as dificuldades de permanência na academia. Contribuem para isso, o desafio das universidades federais em acolher esse novo público, custos, dificuldades provocadas pela formação deficiente no Ensino Médio (BARBOSA; BRANDÃO, 2007).

---

<sup>3</sup> Conforme informações disponíveis no site da Universidade Federal de Sergipe: <http://www.ufs.br?pg=noticia&id=2186> em 25/12/2009.

É recorrente os estudantes reclamarem de problemas com o vocabulário habitual utilizado na universidade. Coulon (2008) cita algumas falas de estudantes que revelam o uso de dicionários e enciclopédias para o entendimento do que está sendo dito ou lido, ou até mesmo, a adoção de posturas mais reservadas como válvulas de escape por aqueles que não dominam o jargão linguístico e erudito da academia. Segundo o autor, chegar à universidade requer a aprendizagem do ofício de estudante. Isso significa dominar às regras existentes no meio acadêmico, aprender a tornar-se um estudante profissional, no sentido de viver significativamente a universidade, representado na doação de tempo e domínio das normas que regem o seu funcionamento, à medida que suas perspectivas de futuro girem em torno dos esforços empreendidos durante a trajetória acadêmica.

Para continuidade do percurso acadêmico, Coulon (2008), sugere que os universitários tornem-se "estudantes profissionais", significa dizer, que dediquem boa parte de tempo à formação, assimilem bem as normas, dominem a cultura acadêmica e façam brotar projetos baseados na permanência na universidade. "Os estudantes devem tornar-se nativos desta nova cultura universitária, tornarem-se membros dela, pois, para os mesmos, é uma questão de sobrevivência" (p.43).

Apropriar-se da linguagem acadêmica, e ao mesmo tempo, mostrar que exerce controle de práticas e atitudes, garante a posição como membro, mas, que precisa acompanhar as mudanças, as novas construções que surgirem, pois a identidade universitária constrói-se processualmente.

Nessa perspectiva, entender o abandono ou fracasso das trajetórias acadêmicas requer uma análise do ingresso ao nível superior. Alcançar a universidade não indica o pertencimento a esse espaço. A priori, o ingresso é adaptação, tempo de estranhamento que corresponde à inserção em um mundo diferente do que pertencia no Ensino Médio, que lhe era familiar e cuja organização reconhece.

Ao falar sobre as características do nível superior, Coulon (2008) explica que a entrada na universidade continua voluntária, embora existam casos em que há uma escolha forçada decorrente das exigências do mundo do trabalho, todavia, não há garantias de inserir-se nele. Outrossim, representa o compromisso sério de alguém que se prepara para o exercício de uma atividade que além de ser movida por prazer é tomada com seriedade, pois desencadeia uma postura calculada, baseada em perspectivas de futuro.

Logo que se entre na 'vida universitária' vive-se uma fase de transição, o tempo de aprendizagem, período de fragilidade que pode levar ao abandono, pois os estudantes estão diante de novos desafios. O ritmo imposto pela universidade pode não ser acompanhado,

fatores como uma possível ruptura familiar provocada pelo distanciamento, casos em que a universidade situa-se em local diferenciado de sua residência, a falta de vínculos, uma vez que novas relações devem ser criadas, ou seja, estar sozinho pode conduzir à desistência, pois criar vínculos na universidade parece ser algo difícil (COULON, 2008).

Além disso, as diferentes interpretações dadas pelos funcionários às regras, além das dificuldades de entendimento dos códigos universitários inquietam os estudantes. O aluno se dá conta, por exemplo, que determinada disciplina é obrigatória e depois descobrir que não há vagas e precisa esperar outro semestre para cursá-la, uma realidade na Universidade de Paris 8. Aos poucos, a afiliação leva o estudante à descoberta de que embora existam regras reguladoras da vida acadêmica, há espaços para a sua individualidade (COULON, 2008, p. 95).

À medida que o estudante vai se tornando um membro nativo da comunidade acadêmica, ou seja, familiarizado com os etnométodos, utiliza de estratégias para atender às obrigações do currículo (Coulon, 2008, p.43). Com a afiliação, percebe a existência de uma ordem temporal a ser respeitada, de acordo com as ofertas das disciplinas e pré-requisitos para a continuidade do percurso acadêmico. Como membro, estará ciente da flexibilidade das regras que permite a composição de currículos, em paralelo aos seus demais compromissos sociais.

Para Coulon (2008), as estratégias dos estudantes são construídas conforme as suas concepções imaginárias de sucesso. Pesam determinados elementos como a origem social e a trajetória escolar, e assim avaliam as possíveis chances de obterem sucesso. As opções baseiam-se também em opiniões de observadores, pais, professores e amigos importantes juízes na fase de escolha do curso e podem representar, na ótica dos próprios estudantes, um risco, dada às incertezas de permanência na universidade.

As perspectivas dos estudantes quanto às escolhas dos cursos, são reguladas pelo ponto de vista de outras pessoas, dessas resultam as considerações de que um curso é mais fácil do que outro, isto é, as escolhas são projetadas tendo por base suas possíveis chances de conquistas na concepção de terceiros (COULON, 2008).

Na universidade, as distinções entre os estudantes podem favorecer ou dificultar a real inserção na comunidade acadêmica. A título de exemplo, estudantes que trabalham possuem uma vantagem sobre aqueles que não trabalham. A afiliação revela-se na segurança para lidar com a autonomia e com as normas inerentes ao meio universitário. Por outro lado, para os que largaram os estudos por um tempo, às leituras exigidas na universidade, dificultam o processo de afiliação. Como exposto por Coulon (2008), as dificuldades de afiliação dos estudantes

mais jovens são de ordem institucional, enquanto as de estudantes mais velhos prendem-se à cognição.

Em contrapartida, estudantes que trabalham citam a falta de tempo como principal problema e sentem-se prejudicados em relação àqueles que não trabalham, porque julgam não exercer a seu gosto o ofício de estudante. A julgar pela indisponibilidade de tempo que dificulta o exercício aprimorado dos três gestos de um estudante profissional: Ler, escrever e pensar (COULON, 2008).

Com o tempo, a experiência universitária levará à compreensão de que os horários podem atender à disponibilidade dos sujeitos. Desta forma, as distintas situações vividas pelos estudantes, orientam a construção de seus percursos acadêmicos.

Não é incomum que o acesso a instituição de nível superior, signifique mudanças e promova rupturas gerando consequências como: comportamentos que podem favorecer ao insucesso, causados pela maior autonomia proporcionada pela rotina universitária, à ansiedade em descobrir esse novo mundo, as novas relações construídas com os docentes e com o saber dirigido pela universidade, durante o processo de construção da identidade universitária.

Uma vez adaptado, exercendo domínio dos códigos, dá-se o tempo da afiliação que significa administrar as normas existentes, fazer parte efetivamente do grupo de estudantes, denotando o domínio das regras, da lógica de funcionamento imposta pela universidade, significa credenciar-se, e pertencer de fato à universidade.

Entretanto, não basta dominar o conjunto de regras e códigos norteadores da vida acadêmica, é preciso provar a posse de tal domínio. Para tanto, os estudantes são julgados até mesmo em suas ações informais. O vocabulário, seu compromisso no tocante às questões acadêmicas, as referências teóricas que possuem, são elementos que põe em evidência o partilhar ou não da cultura acadêmica. Tornar-se membro nativo significa dominar a cultura universitária e mostrar aos outros que possui esse domínio.

### **Procedimentos Metodológicos**

Trata-se de uma abordagem qualitativa, já que estamos preocupados com uma realidade mais específica, o caso de egressos do Ensino Médio público, salvo em três casos, de acordo com a primeira fase do trabalho, o que nos colocou diante de valores, aspirações, e atitudes que não podem ser reduzidos à dimensão quantitativa. (MINAYO, 1994). Para tanto, realizamos entrevistas semi-estruturadas, orientadas por um roteiro de perguntas previamente elaborado sendo que na primeira etapa, para seleção dos entrevistados consideramos o fato de

pertencerem a camadas populares e serem ex-bolsistas ou bolsistas de um dos Programas de Assistência Estudantil na própria UFS<sup>4</sup>.

O trabalho realizado baseou-se na análise dessas entrevistas realizadas com estudantes de diferentes áreas, a partir do uso de *roteiro* semi-estruturado, dividido em quatro blocos, tratando de dados pessoais, trajetória escolar, o desejo de chegar à universidade, perspectivas quanto ao ensino superior e do *quadro família* através do qual coletamos informações referentes a parentesco, escolaridade, ocupação e residência.

Participaram da pesquisa, estudantes de cursos como Artes Visuais, Ciências Sociais, Economia, Engenharia Florestal, Geografia, Letras-Espanhol, Letras-Português-Francês, Matemática, Pedagogia e Psicologia, de diferentes fases do curso.

Nossos investigados, na primeira etapa, foram dez jovens, cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino, com idades entre 19 e 28 anos, sendo a maioria proveniente de escolas públicas, exceto uma das entrevistadas do curso de Letras-Espanhol<sup>5</sup> e o estudante de Engenharia Florestal que cursou o Ensino Médio em instituição particular.

Os pais<sup>6</sup> dos jovens entrevistados possuem pouca escolaridade, exceto o pai do estudante de Economia e a mãe da estudante de Letras-Espanhol, citada anteriormente, que possuem nível superior.

Para a segunda etapa da pesquisa, selecionamos universitários do CECH, numa tentativa de suscitar as possíveis semelhanças e diferenças na sua constituição como estudantes universitários por meio de uma análise comparativa com as informações já colhidas na primeira fase e, seguindo um roteiro de questões reelaborado com o intuito de focalizar o processo de afiliação vivenciado por esses estudantes.

Numa abordagem etnometodológica, consideramos a subjetividade, a visão dos principais envolvidos, os estudantes, como elementos norteadores de nosso trabalho. Através das entrevistas, nosso instrumento de coleta de dados, procuramos extrair dos investigados os significados de “ser universitário”, bem como, as perspectivas geradas por essa condição. Tratamos de ouvir mais seis jovens cujas trajetórias escolares e de vida apresentam-se bastante variadas. A escolha dos entrevistados obedeceu aos seguintes critérios: serem estudantes ligados ao Centro de Educação e Ciências Humanas, egressos do ensino público e que estivessem cursando até o quinto período, na tentativa de explorar o que muda nas

---

<sup>4</sup> Os estudantes entrevistados são universitários do Campus de São Cristóvão da UFS.

<sup>5</sup> Entrevistamos duas estudantes do curso de Letras-Espanhol.

<sup>6</sup> Em referência as figuras masculinas e femininas.



percepções dos investigados a depender do semestre que estão cursando, os quais contactamos mediante a indicação de colegas acadêmicos.

As entrevistas, que foram gravadas, nos permitiram encontrar perfis que parecem revelar elementos favoráveis à mobilização das trajetórias escolares, conforme as expectativas dos pais como agentes envolvidos nesse processo cujas experiências e condições de vida provocam efeitos nas escolhas dos filhos. Por isso, cabe pensar que existam projeções por parte dos genitores para que os estudantes construam histórias diferentes da suas visando uma melhoria da situação/condição social em que se encontram.

### ***Relatos de experiências: O que dizem os investigados?***<sup>7</sup>

Além de realizar as leituras que sustentam a revisão bibliográfica, foram realizadas (16), considerando as duas etapas da pesquisa, dezesseis entrevistas. Destacam-se a seguir, duas entrevistas realizadas na segunda etapa, com estudantes dos cursos de Ciências Sociais (L) e Geografia (Q) que de acordo com os seus discursos parecem pertencer a universos sociais bem diferentes. O estudante de Ciências Sociais (L), de 21 anos, solteiro, nasceu em Pernambuco/Recife. Seus pais possuem superior completo em Psicologia, caso da mãe, e Superior completo em Teologia e Economia, caso do pai.

O seu percurso escolar a partir da terceira série do Ensino Fundamental construiu-se em escolas reconhecidas no estado de Sergipe e por êxito em vestibulares concorridos realizados pela Universidade Federal de Sergipe. Para tanto, refere-se aos sacrifícios dispensados, sobretudo por sua mãe, a qual esforçou-se para mantê-lo em “*colégios considerados bons, não populares*”, de acordo com as suas próprias palavras.

Enquanto estava no terceiro ano do Ensino Médio, o jovem passou um semestre estudando em um colégio protestante situado em Brasília/DF. Seu interesse era concluir aquela etapa e cursar música em universidade daquele estado. Porém, “*o custo de vida é muito alto! Meus pais não puderam me ajudar com professores... Aí, eu voltei para Aracaju mesmo*”.

O seu retorno reservou a possibilidade de pleitear uma vaga na UFS, única opção, pois os pais explicitavam a impossibilidade de estudar numa instituição superior privada e na qual, conforme ansiavam sua mãe e familiares deveria cursar direito.

---

<sup>7</sup> As transcrições das falas dos entrevistados são fidedignas.

Embora tenha frequentado durante praticamente toda a sua trajetória escolar, com exceção das duas primeiras séries iniciais do fundamental e parte do último ano do Ensino Médio, importantes escolas; o estudante julgou, ao decidir candidatar-se ao vestibular para o curso de Ciências Sociais, que a sua formação não o habilitava para ser aprovado em direito.

Por outro lado, a formação do estudante no colégio protestante fomentou, de acordo com o seu discurso, a construção de valores que apontam como possíveis influências e que remetem à escolha por Ciências Sociais. Este curso possibilita, de acordo com a sua ótica, a oportunidade de intervir na sociedade conforme prega os princípios cristãos. Uma vez inserido na universidade, tal propósito tornar-se-á possível, mediante especialização em Sociologia da Religião, conforme planeja.

Paralelamente, essa ética religiosa parece regular as escolhas também no desenrolar da carreira universitária. Tanto que, possivelmente para não fugir desses princípios, as relações de amizade constroem-se com sujeitos que comungam da mesma ética, dada a ligação que estabeleceu com os membros da Aliança Bíblica Universitária (ABU), presente na UFS.

Todavia, cursar Ciências Sociais parece o cumprimento de uma obrigação perante a mãe, principal responsável pelos investimentos em sua carreira escolar. As falas que seguem consubstanciam esse pensamento:

Até hoje eu não sei se largo tudo e vou para a música, mas por enquanto eu vou fazendo a minha parte porque eu gosto também dessa área... Eu fiz o primeiro período corretamente, depois fui estudar para concurso, aí tranquei um período, pedi dispensa de matrícula, acabei não estudando, fui fazer outra coisa, me envolvia com outras atividades... (Estudante de Ciências Sociais).

E, embora comente estar satisfeito com o curso, outro fator que parece influenciar as suas decisões quanto à continuidade e permanência no curso é a incerteza de que a titulação atenda a determinadas expectativas, dada a instabilidade financeira dos pais, mesmo possuindo nível superior: *“E ainda com nível não é tão fácil!... E como eles têm uma vida bastante difícil em termos socioeconômicos, então, imagine quem não tem nível superior”!* (Estudante L). Outras palavras do acadêmico sustentam ainda mais a sua percepção quanto à universidade:

Só que eu acredito que uma pessoa não precisa fazer uma universidade na vida! Não precisa necessariamente ser universitário! Tem tanta coisa para ser feita! Você não precisa ser universitário! A universidade é uma porta, mas existem outras coisas que a gente pode fazer na vida. (Estudante de Ciências Sociais).

Assim, o seu percurso escolar marcou-se por êxitos nas unidades de ensino em que estudou, sem repetências (Vianna, 1998). Por outro lado, construir a trajetória na universidade

não parece estar sendo fácil; dado ao tempo que integra esse universo: Está há três anos na universidade, todavia, quanto à relação tempo/etapa do curso, encontra-se no segundo semestre.

No tocante a estudante de Geografia (Q), 18 anos, solteira; nascida em Itabi/SE; os pais possuem Ensino Fundamental incompleto; mãe dona de casa e pai agricultor. A sua trajetória escolar realizou-se em escolas públicas tendo enfrentado alguns problemas desde a quinta série (sexto ano), até o Ensino Médio, por depender de transporte público municipal que além de superlotado; no período de inverno deixava de conduzir os estudantes à escola devido às condições precárias das estradas. Conseqüentemente faltava aulas e perdia provas.

Tais complicadores não frearam projeções relacionadas à escola. Possivelmente, as principais forças mobilizadoras da estudante tenham sido os pais que apesar de não fornecerem suporte escolar, como observa Lahire (2004), por não possuírem perfil de escolarização favorável a tanto; sempre alimentaram o desejo de que estudasse e pudesse encontrar alternativas de vida, distanciadas das atividades do campo. Recobrando, o que Vianna (1998) intitula memória familiar: “... *Estude! Senão, vai ficar trabalhando no campo na roça! E aí, quando você gosta de estudar é melhor ainda...!*”.

Cheguei ao terceiro ano e pensava: Será que eu vou fazer igual a todas as meninas que chegam ao terceiro ano e casam? É uma coisa horrível! Aí comecei a pensar: Vou tentar vestibular! Só que assim, essa idéia veio amadurecer mesmo no terceiro ano. Aí, era aquela pressão, no ano do vestibular! (Estudante de Geografia [Q] )

Eu ia ter que trabalhar! Eu ia puxar o saco do prefeito! Fazer politicagem! E aqui, abre caminho para muitas coisas!” (Estudante de Geografia [Q] )

Esta última fala da estudante liga-se aos vínculos construídos no interior da academia. É uma das responsáveis pelo Conselho de Residentes o que simboliza viver a UFS através de uma atuação além da sala de aula:

Viver a Ufs é simplesmente você não estar fora de nenhum problema da universidade. Você pode contribuir para melhorar a Ufs! E isso eu acho que eu faço! Porque aquela coisa só sala de aula, você não sabe o que está acontecendo. Você não sabe o que está acontecendo no seu diretório acadêmico; você não sabe quem são as pessoas que representam você, quem está lá no DCE, quem está no Conselho de residentes, quem está no Fórum de Mobilização estudantil. (Estudante de Geografia [Q])

Ao fazer referência a sua vida hoje, diz ser a própria UFS; pois até então, é onde passa a maior parte do tempo, retornando à residência à noite. Grosso modo, tal envolvimento exige

responsabilidade, o que a faz respirar a universidade seja estudando, seja resolvendo questões relacionadas ao Conselho de Residentes.

Há um achado de crucial importância na fase de transição da jovem à universidade. Vianna (1998) cita exemplos de trabalhos realizados no campo da Sociologia que apontam além da família outros condicionantes impulsionadores dos percursos escolares. Assim como, existem casos de as influências familiares surtirem efeitos contraditórios, segundo Lahire (1995) citado por Vianna (1998).

No caso específico de nosso trabalho percebemos essa dualidade no período em que a acadêmica (Q), precisou decidir se estudaria ou não na UFS. Ao mesmo tempo em que, os pais julgavam que o melhor era que estudasse a trabalhar na roça, seus familiares maternos ao saberem da aprovação no vestibular, temiam a sua vinda. Nesse período, contava apenas dezessete anos, teria que viver sozinha e conhecia pouco da cidade de Aracaju.

Ser contemplada com a bolsa residência e, contando com ajuda de custo de uma bolsa alimentação tornaram-se importantes elementos para que apostasse na carreira universitária. Decisão, de acordo com o seu pai, deveria partir somente dela. O desejo de mobilização pessoal emerge na configuração desse caso, como expõe Bourdieu (1998) e Lahire (1997), citados por Pereira (2005). A sua família, permite a possibilidade de construção de uma história diferenciada das suas origens (Vianna, 1998).

## **Conclusões**

Na primeira etapa, os referenciais teóricos orientaram a construção deste trabalho, bem como, nortearam a escolha de nossos procedimentos metodológicos. Dado que às práticas influenciam desde as escolhas iniciais até os comportamentos no espaço acadêmico, talvez isso implique em condições mais favoráveis para alguns. Para outros, as dificuldades de encaixar-se num ambiente estranho, sugira à adoção de alternativas baseadas em projetos futuros.

Lançar mão de estratégias são instrumentos dos quais os estudantes fazem uso, nesse caso, as atividades remuneradas emergem como pontes que garantem ou subsidiam a passagem dos percursos acadêmicos, a depender da condição socioeconômica dos sujeitos. Esta é uma variável de relevante importância, pois, de acordo com a visão de determinados estudantes conduzem a caminhos acadêmicos diferenciados.

De acordo com Zago (2006), a diferença que separa os sujeitos é construída durante a constituição dos percursos escolares e são as suas atitudes diante desse processo que criarão

as distinções curriculares, tornando alguns mais propensos que outros, como expõe Coulon (2008), a dominar a cultura acadêmica e afiliar-se. Cientes das lacunas existentes em sua formação, egressos do Ensino Médio costumam recorrer a cursinhos preparatórios<sup>8</sup> (pré-vestibulares), estratégia essa, adotada por boa parte de nossos entrevistados, como forma de superar as suas deficiências escolares. Alguns investem em cursos particulares mais acessíveis outros procuram os gratuitos.

Conforme Barbosa e Brandão (2007), embora existam iniciativas que visam o ingresso das camadas populares nas universidades públicas a partir da oferta de cursos pré-vestibulares e o sistema de cotas adotado em muitas Instituições do país, as classes populares são prejudicadas desde o acesso à universidade, tendo em vista a sistemática de determinados cursos, cuja organização não contempla a categoria.

A distribuição dos horários dos cursos, a exemplo dos que somente são ofertados durante o dia, enquanto muitos desses jovens trabalham; atividades de pesquisa, também geralmente disponíveis durante o dia, escassez de experiências de extensão, pois a vida acadêmica geralmente se circunscreve as atividades de sala de aula, limitam à trajetória universitária. A exclusão dos jovens de baixo poder socioeconômico, no espaço universitário desperta, conforme os autores, a ausência de uma identidade acadêmica, pela desconexão entre suas expectativas e experiências sociais e as atividades desenvolvidas naquele ambiente.

As políticas de acesso ao ensino superior público parecem desconsiderar que problemas de escolarização atingem o sistema público de ensino, pois se ampliam as chances de uma nova clientela chegar a esse nível de ensino, enquanto a formação básica e de nível médio, continuam deficientes; o que conseqüentemente, não favorece a permanência na universidade. (ZAGO, 2006).

Se expandirmos o sentido do termo afiliação empregado por Coulon (2008) às carreiras acadêmicas dos jovens (L) e (Q); seria então, o estudante de Ciências Sociais um afiliado? E quanto à jovem estudante de Geografia?

Não ousamos taxar os acadêmicos como pertencentes de fato ou não ao ambiente universitário, procuramos apenas observar o lugar que a instituição ocupa em suas vidas, com base nas visões de mundo dos sujeitos. Talvez, como cita Zago (2003 ) isto permita: “observar além das variáveis clássicas (como renda, ocupação e escolaridade dos pais), outros elementos mediadores do curso escolar” (p.20).

---

<sup>8</sup> Em Sergipe, desde (2002), o governo do Estado oferece o pré-vestibular gratuito (Pré-Seed) a concluintes do Ensino Médio público ou oriundos de escolas públicas, conforme informações disponibilizadas pela Secretaria de Estado da Educação/SE, através do site: [www.seed.se.gov.br/portais/preuni](http://www.seed.se.gov.br/portais/preuni).

As biografias escolares são marcadas por investimentos diferenciados. Enquanto que no caso do estudante de Ciências Sociais configura-se na oportunidade de frequentar escolas reconhecidas pela qualidade quando se trata de aprovação no vestibular, no caso da jovem estudante de Geografia, aponta para uma ação principalmente de cunho pessoal estimulada pelos genitores ao analisarem criticamente as alternativas ofertadas no município em que residem, caso não se dedicasse aos estudos.

Os casos nos quais focamos, indicam que além dos códigos presentes no espaço universitário, os acadêmicos tendem a desenvolver uma maneira própria de tornarem-se nativos na academia. Seja estabelecendo alianças associadas a opiniões, maneiras de ler o mundo e entender as relações sociais, seja envolvendo-se em grupos pré-existentes na universidade que vão dessa maneira, ganhando sentido em suas vidas.

Pode-se dizer que existem diferentes formas de se ‘fabricar’ um estudante universitário e que variam de acordo com as chances que cada um pode vivenciar a academia. O fazer-se universitário vincula-se a relação trabalho/estudo, a ótica dos sujeitos, a sua maneira de perceber a construção de sua trajetória, as possibilidades ou limites financeiros que podem dirigir as carreiras de formas diferenciadas.

Por fim, as ações podem ainda inspirar-se na maneira como julgam mais oportuno conduzir as trajetórias. Pode ser uma postura mais reservada, segundo a qual, a sala de aula parece ser o limite. Ou, em outro viés, aproveitando as oportunidades de vivência que surgem no próprio meio.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes desprivilegiados e Fruição da Universidade: Elementos para repensar a Inclusão no Ensino Superior. In: *Educação para a Diversidade e Cidadania*. Recife: Ed. do Organizador, 2007. p. 175-229.

BARBOSA, Jorge Luiz; BRANDÃO, André. Jovens de Camadas Populares e Universidade. In: *Conectando Saberes: Jovens de origem popular e o difícil caminho para a universidade*. Rio de Janeiro: UFF, 2007.p.09-21.

COULON, Alain. *A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária*. Trad. Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008, 278p.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos Meios Populares*. São Paulo: Editora Ática, 2004.p.29-42.

LÉLIS, Isabel. O Significado da experiência Escolar para os Segmentos das Camadas Médias. Cad. Pesqui. vol. 35 nº. 125, São Paulo May/Aug. 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teorias, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PEREIRA, Adriana da Silva Alves. Sucesso escolar de alunos dos meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares. Belo Horizonte, 2005. [Tese de Mestrado]

PORTES, Écio. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir(org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 61-79.

SZYMANSKI, Heloisa. *A entrevista na educação: a prática reflexiva*. Heloisa Szymanski (org.), Laurinda Ramalho de Almeida, Regina Célia Almeida Rego Prandini. Brasília: Liber Livro Editora, 2004. 2ª ed. (2008), p.87.

VIANNA, Maria José Braga. As práticas socializadoras familiares como *locus* de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. Educ. Soc. vol.26 nº. 90, Campinas Jan./Apr. 2005.

\_\_\_\_\_. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir(org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.p. 45-59.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior. In: *percursos de estudantes universitários de camadas populares*. Ano I, n. 2, p. 7-15, 2008.

\_\_\_\_\_. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir(org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.p. 17-43.